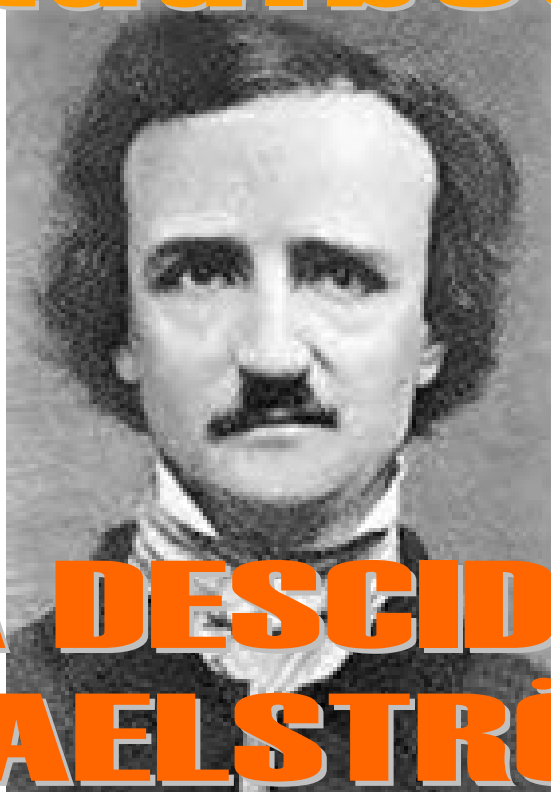


**Biblioteca  
Virtualbooks**



**UMA DESCIDA NO  
MAELSTRÖM**

**EDGAR ALLAN**

**POE**

**Tradução de  
SILVEIRA DE SOUZA**



**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,  
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

**Sobre os Direitos Autorais:**

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: [vbooks03@terra.com.br](mailto:vbooks03@terra.com.br) para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



**[www.virtualbooks.com.br/](http://www.virtualbooks.com.br/)**

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks  
**Virtual Books Online M&M Editores Ltda.**  
**Rua Benedito Valadares, 429 – centro**  
**35660-000 Pará de Minas - MG**  
Todos os direitos reservados. All rights reserved.



# UMA DESCIDA NO MAELSTRÖM

**Tradução de  
SILVEIRA DE SOUZA**

Os caminhos de Deus na Natureza, assim como na ordem da Providência, não são os nossos caminhos; nem são os modelos que estruturamos de modo algum comensuráveis com a imensidão, profundidade e inescrutabilidade de Suas obras, *que têm em si um fundo maior que o poço de Demócrito.*

— Joseph Glanville

Havíamos atingido agora o cume do rochedo mais elevado. Por alguns minutos o velho demonstrou estar cansado demais para falar.

“Não faz muito tempo”, disse por fim, “eu podia ter guiado o senhor por este caminho tão bem quanto o mais novo de meus filhos; mas, cerca de três anos atrás, aconteceu comigo um fato como nunca ocorreu antes a nenhum ser mortal – pelo menos a alguém que tenha sobrevivido para contá-lo – e as seis horas de implacável terror que enfrentei na ocasião me abalaram o corpo e o espírito. O senhor deve imaginar que eu seja... muito velho – mas não sou. Menos de um dia foi o suficiente para que os meus cabelos mudassem do negro para o branco, as pernas e os braços enfraquecessem e meus nervos se afrouxassem, a tal ponto que fico trêmulo ao menor esforço e assustado só em ver uma sombra. Acredita que mal posso olhar de cima deste pequeno penhasco sem ficar tonto?”

O “pequeno penhasco”, à borda do qual ele tão despreocupadamente se jogara para descansar, de um jeito que o corpo, pela sua parte mais pesada, ficava pendente e só não caía devido à sustentação que lhe dava o cotovelo, apoiado com firmeza

sobre a aresta extrema e escorregadia da borda – este “pequeno penhasco” elevava-se – verdadeiro precipício de rocha negra e brilhante – cerca de mil e quinhentos ou mil e seiscentos pés sobre um mundo de penhascos abaixo de nós. Nada me teria tentado a ir além de meia dúzia de jardas antes de sua beira. Na verdade, tão perturbado me sentia ante a arriscada posição de meu companheiro, que me deixei cair de comprido sobre o chão, agarrei os arbustos ao meu redor e não ousei nem mesmo olhar para o alto – enquanto lutava em vão para afastar a idéia de que a própria base da montanha estava em perigo com a fúria dos ventos. Foi preciso algum tempo para que eu pudesse voltar a raciocinar e adquirir a coragem suficiente para sentar e olhar os pontos distantes.

“O senhor deve aprender a enfrentar essas dificuldades”, disse o guia, “pois eu o trouxe aqui para que pudesse ter a melhor visão possível do cenário daquele fato que mencionei – e contar-lhe a história toda com o próprio lugar sob a vista.”

“Estamos agora”, continuou, com aquele modo de falar minucioso que o caracterizava – “estamos agora sobre a costa norueguesa – a sessenta e oito graus de latitude – na grande província de Nordland – e no lúgubre distrito de Lofoden. A montanha em cujo cume nos sentamos é Helseggen, a Nublada. Agora levante-se um pouquinho mais – se sentir tontura, agarre-se na grama – assim – e olhe para o mar, para além daquela cinta de vapor abaixo de nós.”

Olhei aturdido, e vi uma larga extensão de oceano, cujas águas exibiam um matiz de tinta tão carregado que me lembrou de imediato a descrição do *Mare Tenebrarum*, do geógrafo Nubian. A imaginação humana não pode conceber um panorama mais deploravelmente desolado. À direita e à esquerda, tão distantes quanto o olho podia alcançar, estendiam-se, como as muralhas do mundo, as linhas de um rochedo horrivelmente negro e saliente, cujo caráter de melancolia não seria com maior vigor melhor ilustrado senão pela ressaca, que se atirava para o alto contra sua branca e medonha crista, permanentemente uivando e soltando urros estridentes. Bem defronte ao promontório, sobre cujo ápice nos encontrávamos, e numa distância de mais ou menos cinco ou seis milhas ao largo, avistava-se uma ilhota que parecia desértica; ou, melhor dizendo, deduzia-se a sua existência através das vagas em tumulto que a envolviam. Mais próxima da terra cerca de duas milhas, via-se outra de tamanho ainda menor, pavorosamente árida e escarpada, rodeada a intervalos diversos por grupos de rochas negras.

A aparência do oceano, no espaço entre a ilha mais distante e a costa, tinha alguma coisa de insólita. Ainda que, naquele momento, estivesse soprando da terra um vento tão forte que um brigue, a uma enorme distância, mantinha-se à capa, com dois rizes na

carangueja, e mergulhava para fora da vista todo seu casco, mesmo assim nada existia ali que se assemelhasse a vagalhões constantes, mas apenas um curto, rápido, furioso arremesso cruzado de águas para todas as direções, – como se, em outras palavras, desafiassem o vento. Havia pouca espuma, exceto na vizinhança imediata das rochas.

“A ilha mais distante”, recomeçou o velho, “é chamada Vurrgh pelos noruegueses. A que fica a meio caminho é Moskoe. Aquela a uma milha para o norte é Ambaaren. Mais além estão Islesen, Hothholm, Keildhelm, Suarven, e Buckholm. Ainda mais longe – entre Moskoe e Vurrgh – estão Otterholm, Flimen, Sandflessen, e Stockholm. Esses são os nomes verdadeiros desses lugares – mas a razão porque se achou necessário dar nomes a eles todos, isto é mais do que o senhor ou eu podemos entender. O senhor ouve alguma coisa? Vê alguma mudança na água?”

Fazia quase dez minutos que estávamos sobre o cume de Helseggen, ao qual havíamos subido vindos do interior de Lofoden, de modo que não havíamos tido nenhum vislumbre do mar, até que ele surgiu de repente ao chegarmos lá em cima. Enquanto o velho falava, tomei consciência de um som ruidoso, forte e gradualmente crescente, como mugidos de uma vasta manada de búfalos numa pradaria da América; e, no mesmo instante, percebi que aquilo que os marinheiros denominam o aspecto *encrespado* do oceano, lá em baixo estava rapidamente se transformando numa corrente que se dirigia para leste. Mesmo enquanto a olhava, essa corrente adquiria inacreditável velocidade. Cada momento aumentava a impetuosidade das águas – num movimento sempre mais vertiginoso. Em cinco minutos todo o mar, tão longe quanto Vurrgh, era fustigado por fúria ingovernável; mas entre Moskoe e a costa é que o tumulto se tornava dominante. Ali, o vasto leito das águas retalhava-se e cerzia-se em mil sulcos em conflito, explodia de súbito em convulsões frenéticas – arfando, fervendo, sibilando – revolteava em vórtices gigantescos e inumeráveis, e tudo ia girando e submergindo na direção leste com uma rapidez que nunca se vê nas águas em outros lugares, exceto quando despenham por precipícios.

Alguns minutos depois recaiu sobre a cena uma outra radical transformação. A superfície geral ficou um pouco mais homogênea, e os vórtices, um a um, desapareceram, enquanto enormes faixas de espuma foram surgindo onde nada havia sido visto anteriormente. Essas faixas, por fim, estendendo-se a uma grande distância, e combinando-se uma às outras, acrescentaram a si o movimento giratório dos vórtices submersos, e pareciam formar o germem de um outro vórtice mais vasto. Repentinamente – muito repentinamente – este assumiu distinta e definida existência, num círculo de diâmetro maior que uma milha. O rebordo do redemoinho era

representado por um cinturão de espuma luminosa; mas nenhuma partícula deslizava para a boca do espantoso funil, cujo interior, tão longo quanto o olhar podia alcançar, era uma parede de água, jato negro, polido e brilhante, inclinado para o horizonte num ângulo de aproximadamente quarenta e cinco graus, girando e girando numa entontecedora velocidade, em oscilante e opressivo movimento, e que lançava aos ventos uma voz aterradora, meio grito, meio rugido, tal que nem mesmo a poderosa catarata de Niagara, nos seus tormentos, alguma vez lançou aos céus.

A montanha estremecia na própria base e o rochedo parecia abalar-se. Atirei-me de rosto sobre o chão e agarrei as escassas ervas num excesso de agitação nervosa.

"Isto", disse eu finalmente ao velho – "isto não *pode* ser outra coisa senão o grande redemoinho do Maeslström."

"Às vezes é assim denominado", disse ele. "Nós, os noruegueses, o chamamos Moskoe-ström, por causa da ilha de Moskoe, a meio caminho."

As narrativas conhecidas a respeito desse vórtice de modo algum prepararam o meu espírito para o que vi. Aquela de Jonas Ramus, que é talvez a mais circunstancial de todas, não oferece a menor noção seja da grandiosidade, seja do horror da cena – ou do violento e perturbador sentido de "algo novo". que confunde o espectador. Não estou certo de que ponto de vista o escritor em questão o abordou, nem em que época; mas não deve ter sido do cume do Helseggen, nem durante uma tempestade. Há certas passagens de sua descrição, não obstante, que podem ser citadas pelos pormenores que apresentam, ainda que de efeito bastante fraco para transmitir uma impressão do espetáculo.

"Entre Lofoden e Moskoe", diz ele, "a profundidade da água é entre trinta e seis e quarenta braças; mas, do outro lado, na direção de Ver (Vurrgh) essa profundidade decresce de modo a não permitir uma passagem favorável a um navio sem o risco de espatifar-se nas rochas, o que pode acontecer mesmo com o tempo mais calmo. Quando há maré, a corrente percorre a região entre Lofoden e Moskoe com turbulenta rapidez; mas o fragor de seu impetuoso refluxo para o mar é insuficientemente comparado ao da mais alta e terrível das cataratas. O bramido pode ser ouvido a várias léguas de distância, e os vórtices ou poços possuem tal extensão e profundidade que, se um barco está em seu campo de atração, inevitavelmente é sorvido e atirado para o fundo, fazendo-se em pedaços no embate contra os rochedos; e quando as águas se acalmam, os fragmentos dele são de novo atirados à tona. Entretanto, esses intervalos de tranquilidade acontecem somente entre o fluxo e o refluxo, e em tempo calmo, e não duram mais que um quarto de hora, recomeçando então gradualmente

a sua violência. Quando a corrente giratória se torna mais impetuosa, e sua fúria é aumentada por uma tempestade, é perigoso aproximar-se dela a menos de uma milha norueguesa. Barcaças, iates e navios têm sido arrastados por não se haverem precavido contra ela, evitando passar dentro de sua zona de alcance. Acontece com freqüência, de modo semelhante, que baleias ficam muito próximas da corrente e são dominadas pela sua força; então, é impossível descrever seus mugidos e bramidos devido aos esforços inúteis que fazem para se libertarem. Certa vez um urso, ao tentar nadar de Lofoden a Moskoe, foi apanhado pela corrente e puxado para o fundo, enquanto ele urrava tão terrivelmente que se podia ouvir da praia. Toras de abetos e pinheiros, de enorme volume, após serem sugadas pela corrente, retornam à superfície de tal modo quebradas e despedaçadas, que se diria haver nascido cerdas sobre elas. Isso vem mostrar claramente que o fundo do abismo consiste de rochas pontiagudas, de encontro as quais as toras são atiradas num giro aleatório. Tal corrente é regulada pelo fluxo e refluxo do mar – que se alternam a cada seis horas. No ano de 1645, na manhã do domingo da Sexagésima, ela se enfureceu com tamanho estrondo e impetuosidade que mesmo as pedras das casas, na costa, vieram abaixo.”

Quanto à profundidade das águas, eu não via como ela poderia ser determinada com certeza na imediata vizinhança do vórtice. As “quarenta braças” devem referir-se somente às partes do canal próximas da costa ou de Moskoe ou de Lofoden. A profundidade no centro do Moskoe-ström deve ser incomensuravelmente maior, e não existe melhor prova desse fato do que a obtida só em olhar, mesmo de esguelha, sobre o abismo do vórtice que se vislumbra do ponto mais alto do rochedo de Helseggen. Olhando desse pico lá para baixo, por cima do uivante Phlegethon, não pude reter um sorriso ante a singeleza com que o honesto Jonas Ramus registra, como casos difíceis de acreditar, as anedotas de baleias e de ursos, pois sem dúvida me pareceu uma coisa evidente por si mesma que o maior navio de linha que possa existir, ao cair sob a influência daquela atração letal, podia resistir-lhe tão pouco quanto uma pena a um furacão, e devia desaparecer súbita e completamente.

As tentativas de explicação do fenômeno – algumas das quais, recorde, pareceram-me suficientemente plausíveis à leitura – agora assumiam um aspecto muito diferente e insatisfatório. A idéia geralmente acolhida é que este, assim como três vórtices menores entre as ilhas Ferroe, “não têm outra causa senão a colisão de vagas que se levantam e caem, no fluxo e no refluxo, contra uma cadeia de rochedos e bancos de rocha que confinam as águas, pressionando-as de tal modo que elas se precipitam como uma catarata; e assim, quanto mais alto se levanta a torrente, mais profunda deve ser a

queda, e o resultado natural disso tudo é um redemoinho ou vórtice, cuja prodigiosa força de sucção é suficientemente conhecida por exemplos menores.” É o que diz a *Enciclopédia Britânica*. Kircher e outros supõem que no centro do canal do Maelström há um abismo que atravessa o globo e vai sair em alguma parte muito remota – tendo sido o Golfo de Botnia nomeado certa vez um tanto arbitrariamente. Essa opinião, por si mesma trivial, era a que, enquanto eu olhava, minha imaginação mais prontamente aceitou; e, ao mencioná-la para o guia, fiquei surpreso ao ouvi-lo dizer que, conquanto fosse essa a opinião quase universalmente aceita pelos noruegueses sobre tal assunto, contudo não era a dele próprio. Quanto à primeira opinião, confessou sua incapacidade para compreendê-la; e aqui devo concordar com ele – pois, ainda que concludente no papel, ela se torna inteiramente ininteligível, e mesmo absurda, ante os estrondos do abismo.

“O senhor deu agora uma boa olhada no redemoinho”, disse o velho, “e se o senhor quiser arrastar-se em torno desta rocha, de modo a abrigar-se do vento e amortecer o ruído das águas, poderei contar-lhe uma história que o convencerá de que devo conhecer algo do Moskoe-ström.”

Coloquei-me no local desejado por ele, e o velho prosseguiu:

“Eu e meus dois irmãos certa vez possuímos uma sumaca, aparelhada em escuna, de cerca de 70 toneladas, com a qual tínhamos o hábito de pescar entre as ilhas além de Moskoe, perto de Vurrgh. Todos os remoinhos violentos do mar oferecem boa pesca, em ocasiões favoráveis, bastando para isso somente a coragem para a tentativa; mas entre todos os homens da costa de Lofoden, nós três éramos os únicos, como lhe disse, que fazíamos o trabalho regular de ir até as ilhas. Os locais usuais de pesca ficam a uma grande distância mais abaixo, na direção sul. Lá o peixe pode ser colhido a qualquer hora, sem muito risco, e por isso tais locais são os preferidos. No entanto, pontos especiais aqui para cima entre as rochas não apenas oferecem as variedades mais raras, como em quantidade bem maior; de modo que muitas vezes, num único dia, nós apanhávamos o que os mais tímidos no ofício não apanhariam juntos numa semana. Na verdade, fazíamos disso um assunto de especulação desesperada: – o risco de vida sobrepujando o trabalho, e a coragem respondendo pelo capital.

Abrigávamos a sumaca numa enseada cerca de cinco milhas mais ao norte da costa, em relação a esta; e era uma prática nossa, quando fazia bom tempo, tirar vantagem dos quinze minutos de calma para aventurarmo-nos através do canal principal do Moskoe-ström, bem acima da cavidade, e então fundear em algum lugar



próximo de Otterholm, ou Sandflesen, onde os remoinhos não são tão violentos como em outros lugares. Permanecíamos ali mais ou menos o tempo entre uma calmaria e outra, quando então levantávamos âncora e retornávamos. Nunca iniciávamos essa expedição sem que houvesse vento firme para ir e voltar – um vento do qual nos sentíssemos seguros de que não mudaria antes do nosso retorno – e sobre este ponto raramente nos enganávamos. Duas vezes, durante seis anos, fomos obrigados a passar a noite inteira ancorados devido a uma longa calmaria, que era de fato uma coisa rara naquelas imediações; e uma vez tivemos de ficar ali fundeados aproximadamente uma semana, morrendo de fome, pois uma rajada nos surpreendeu pouco depois que chegamos, fazendo o canal tormentoso demais para se pensar em atravessá-lo. Nessa ocasião teríamos sido impelidos mar afora a despeito de tudo (pois a força dos remoinhos nos projetava em círculos tão violentamente que, por fim, tivemos de enredar nossa âncora e arrastá-la), se não tivesse acontecido de cairmos numa dessas inumeráveis correntes cruzadas que – hoje aqui, amanhã ali – nos conduziu a sotavento de Flimen, onde, por sorte, conseguimos fundear.

Não poderia contar-lhe a vigésima parte das dificuldades que encontramos “nos pesqueiros” – que eram locais perigosos para se ficar, mesmo quando fazia bom tempo – mas sempre conseguíamos driblar as garras do próprio Moskoe-ström sem acidentes, embora às vezes o meu coração viesse à boca quando acontecia de estarmos um minuto adiantado ou atrasado em relação à maré. Às vezes o vento não era tão forte como imaginávamos de início, e então fazíamos um percurso menor que o desejado, enquanto a corrente tornava a sumaca ingovernável. Meu irmão mais velho tinha um filho de dezoito anos, e eu tinha dois filhos robustos. Eles teriam sido de grande utilidade nessas saídas, tanto para o uso dos remos, como pescando à popa – mas, seja como for, ainda que nós próprios corrêssemos os riscos, não tínhamos coragem para permitir que os jovens passassem por tais perigos – porque, a despeito de tudo que se pudesse dizer ou fazer, *era* um horrível perigo, e essa é a verdade.

Dentro de poucos dias vai fazer três anos que ocorreu o fato que estou começando a contar-lhe. Foi no décimo dia de julho de 18..., um dia que o povo desta parte do mundo nunca vai esquecer. – pois foi quando soprou o mais terrível furacão já vindo dos céus. E no entanto durante toda a manhã, e na verdade até à tardinha, havia uma brisa constante e leve do sudoeste, enquanto o sol brilhava firme, de modo que os homens do mar mais experimentados dentre nós não podiam prever o que se seguiu.

Os três – meus dois irmãos e eu – cruzamos na direção das ilhas por volta das duas horas da tarde, e logo quase abarrotamos a sumaca com os melhores peixes, os quais, observamos, vieram

naquela dia em quantidade nunca vista antes. Exatamente às sete horas – pelo meu relógio – levantamos âncora e iniciamos o retorno para casa, no intento de atravessar a pior parte do Ström com a maré calma, que, sabíamos, poderia ser feita até às oito horas.

Partimos com vento novo, no quarto de estibordo, e durante algum tempo seguimos com boa velocidade, sem imaginar qualquer perigo, pois na verdade não víamos razão alguma para apreensões. Mas de súbito fomos surpreendidos por uma brisa vinda de Helseggen. Isso era extremamente raro – algo que nunca antes nos sucedera – e comecei a sentir-me um tanto inquieto sem saber exatamente porquê. Pusemos o barco a favor do vento mas não pudemos avançar por causa dos remoinhos, e eu já estava a ponto de propor retornarmos ao ancoradouro quando, olhando para trás, vimos o horizonte inteiro encoberto por uma estranha nuvem cor de cobre, que se alçava com a mais espantosa velocidade

Nesse meio tempo a brisa que nos interceptara caiu, ficamos em completa calma, o barco à deriva, girando para todas as direções. Tal estado de coisas, contudo, não demorou o suficiente para nos dar tempo de pensar sobre ele. Em menos de um minuto a tempestade desabava sobre nós – em menos de dois, o céu se achava inteiramente toldado – além dessas coisas e mais o borrifar de espumas pelo vento, tudo ficou subitamente tão escuro que não podíamos ver um ao outro na sumaca.

Quando sobrevêm tais furações é loucura tentar descrevê-los. O mais velho marujo na Noruega nunca experimentou algo semelhante. Havíamos-nos desfeito das velas antes de sermos atingidos pela ventania; mas, à primeira lufada, nossos dois mastros saltaram pela borda como se tivessem sido serrados – e o mastro principal levou consigo o meu irmão mais novo, que se amarrara nele por segurança.

Nosso barco era uma pluma mais leve que qualquer outra coisa que alguma vez já balançou sobre o mar. O convés, inteiramente plano, tinha apenas uma pequena escotilha perto da proa, e era sempre costume nosso trancar essa escotilha quando estávamos nas imediações do Ström, por precaução contra a fúria do mar. Contudo, nas circunstâncias atuais, teríamos afundado de imediato – porque, por alguns instantes, ficamos totalmente enterrados sob as águas. Como meu irmão mais velho escapou à destruição eu não sei dizer, pois nunca mais tive uma oportunidade para verificar esse fato. Da minha parte, assim que cortei o traquete, lancei-me de comprido no convés, com os pés pressionando a estreita amurada da proa, e as mãos agarrando firme o anel de ferro de uma cavilha próxima do pé do mastro dianteiro. Foi unicamente o instinto que me levou a fazer isso –

sem dúvida a melhor coisa que poderia ter feito – pois eu estava por demais atordoado para pensar.

Por alguns momentos ficamos completamente submersos, como falei, e durante esse tempo preendi o fôlego, agarrado à cavilha. Quando não podia mais sustentar a respiração, apoiava-me sobre os joelhos, ainda com as mãos seguras, e assim podia levantar a cabeça. Nesse instante nossa pequena embarcação deu rápidas sacudidas, assim como faz um cachorro quando sai da água, e dessa forma, em certa medida, pôde erguer-se acima dos mares. Eu agora buscava vencer o estado de depressão que me dominara e recobrar a presença de espírito necessária para saber o que fazer, quando senti alguém segurar com força o meu braço. Era o meu irmão mais velho, e meu coração pulsou mais forte de alegria, pois eu estava certo que ele havia caído do barco – no entanto, logo em seguida, a alegria se transformou em puro horror, porque ele aproximou a boca de minha orelha e gritou a palavra “*Moskoe-ström!*”

Ninguém saberá dos meus sentimentos naquele momento. Tremia da cabeça aos pés como se acometido da mais violenta convulsão febril. Eu sabia suficientemente bem o que ele queria dizer com aquela única palavra. – sabia o que desejava fazer-me entender. Com o vento que agora nos dirigia, estávamos presos à força do torvelinho do Ström, e nada poderia salvar-nos!

O senhor deve ter percebido que ao atravessar o canal do Ström, seguíamos sempre um longo caminho acima do torvelinho, mesmo no tempo mais calmo, e então esperávamos e, com cuidado, ficávamos à espreita do repouso da maré. – mas agora estávamos sendo arrastados para o próprio remoinho, e sob um furacão como aquele! “Com certeza”, pensei, “chegaremos ali no exato momento do repouso – há ainda uma diminuta esperança nisso” – no momento seguinte, porém, amaldiçoei a mim mesmo pelo fato de pensar semelhante tolice e sonhar com uma esperança impossível. Sabia muito bem que estávamos condenados, mesmo que estivéssemos num navio de novecentos canhões.

Nesse tempo o primeiro ímpeto da tempestade havia passado, ou talvez não o tivéssemos sentido muito, pois corríamos a favor do vento, mas, de qualquer modo, as águas do mar que à princípio se mantiveram baixas pelo vento, e permanciam planas e espumosas, levantavam-se agora como montanhas. Singular transformação, também, afetava os céus. Em todas as direções, ao redor, estava ainda escuro como breu, mas aproximadamente acima de nossas cabeças, de repente, abriu-se uma fenda circular de claro céu. – tão claro como nunca o vi assim – de um profundo azul brilhante – e através dele resplandecia a lua cheia com um fulgor tal que nunca antes eu imaginara que aquele astro pudesse ter. Iluminava tudo a

nossa volta com a maior nitidez – no entanto, ó Deus, que espetáculo estava ela a iluminar!

Tentei em seguida por uma ou duas vezes falar com meu irmão – mas, não sei como, o barulho aumentara tanto que não consegui fazê-lo entender uma única palavra, mesmo gritando o mais alto possível em seu ouvido. Pouco depois, ele sacudiu a cabeça, voltando para mim um rosto pálido como a morte, e ergueu um de seus dedos, como se quisesse dizer: *escuta!*.

Não pude entender a princípio o significado daquilo – mas em breve fui tomado por um horrendo pensamento. Puxei o relógio da algibeira. Estava parado. Examinei o seu mostrador à luz da lua e então rebentei em lágrimas enquanto atirava o relógio para longe sobre o mar. *Ele havia parado às sete horas! Deixáramos passar o tempo de repouso da maré e o remoínho do Strôm estava no auge da fúria!*

Quando um barco é bem construído, convenientemente equipado e sem excessiva carga, as ondas sob forte ventania, se o barco navega ao largo, parecem sempre deslizar por debaixo dele – o que aparenta muito estranho para alguém em terra – e isso é o que se chama *flutuar*, na linguagem de bordo. Pois bem, até então havíamos flutuado com habilidade; mas logo depois uma onda gigantesca apanhou-nos em sentido contrário, e levou-nos com ela enquanto levantava – para o alto – para o alto – como para o céu. Nunca teria acreditado que qualquer onda pudesse erguer-se tão alto. Em seguida começamos a descer numa varredura curva, deslizando e mergulhando, o que me fez sentir nauseado e tonto, como se estivesse despencando, num sonho, do cume de uma montanha. Mas enquanto estivemos no alto da onda, olhei em volta de relance – e essa única e rápida visão foi totalmente suficiente. Vi a nossa exata posição naquele instante. O vórtice do Moskoe-Ström estava a um quarto de milha a nossa frente – mas não mais semelhante ao Moskoe-ström de todos os dias; o turbilhão que você via agora era como uma levada de moinho. Se eu não tivesse certeza de onde estávamos, e o que nos esperava, não teria reconhecido aquele local. Ao vê-lo, fechei horrorizado e involuntariamente os olhos. Colavam-se as pálpebras como num espasmo.

Não havia ainda passado dois minutos até sentirmos, de repente, que as ondas baixavam e estávamos envoltos em espuma. O barco dera violenta meia volta para bombordo, e então precipitara-se como um raio para a nova direção. Nesse instante o ruidoso estrépito das águas foi completamente abafado por um guinchar estridente – um som que você poderia imaginar dado pelas válvulas de muitos milhares de navios, que deixassem escapar ao mesmo tempo seu vapor. Estávamos agora no cinturão de corrente que circula sempre o vórtice; e eu naturalmente pensava que a qualquer momento ele iria nos atirar

ao fundo abismo - o qual podíamos apenas vislumbrar em virtude da espantosa velocidade com que éramos projetados. O barco não parecia de fato afundar na água, mas deslizar como uma bolha de ar sobre a superfície. Seu lado de estibordo voltado para o turbilhão, e à bombordo levantava-se o mundo do oceano que havíamos deixado. Erguia-se como uma gigantesca parede retorcida entre o horizonte e nós.

Pode parecer estranho, mas agora, quando estávamos justamente nas mandíbulas do abismo, sentia-me menos agitado do que quando estávamos somente nas proximidades. Entranhada na mente a falta de esperança, livre-me em grande parte do terror que de início me abatia. Suponho ter sido o desespero que deixara os meus nervos tensos.

Pode ser tomado por bravata - mas o que digo ao senhor é verdadeiro - comecei a refletir sobre a coisa grandiosa que seria morrer em tais circunstâncias, e quanta tolice existira da minha parte em atribuir tamanha consideração a algo insignificante como minha existência individual, diante daquela maravilhosa manifestação do poder de Deus. Devo admitir haver corado de vergonha quando tal idéia atravessou o meu espírito. Após alguns momentos apossou-se de mim a mais aguda curiosidade relacionada com o próprio vórtice. Sentia explicitamente um *desejo* de explorar suas profundezas, mesmo tendo certeza do custo desse sacrifício; e o pesar que mais me atribulava era o de nunca poder contar aos velhos companheiros em terra sobre os mistérios que iria ver. Essas, sem dúvida, eram fantasias singulares para ocupar a mente de um homem em situação de tal extremidade - e desde então muitas vezes tenho pensado que as revoluções do barco em torno do abismo devem me ter deixado um tanto zozno.

Houve outra circunstância que facilitou o restabelecimento de meu auto-controle: foi o cessar do vento, que não nos podia alcançar na presente situação - pois, como o senhor pode ver por si mesmo, o cinturão de corrente é consideravelmente mais baixo que o nível geral do oceano, e esse de que falo agora erguia-se como uma torre acima de nós, um negro, alto, montanhoso espinhaço. Se o senhor nunca esteve no mar por ocasião de uma forte tempestade, não pode formar uma idéia da confusão da mente ocasionada pela ação conjunta do vento e de jatos de espuma. Eles cegam, ensurdecem, e asfixiam você, e anulam toda capacidade de ação e reflexão. Mas, em grande medida, estávamos livres agora desses incômodos - assim como a criminosos condenados à morte numa prisão são permitidas pequenas indulgências, recusadas a eles enquanto a condeção é ainda incerta.

Quantas vezes fizemos o circuito em volta do cinturão é impossível dizer. Giramos e giramos por talvez uma hora, voando antes que flutuando, penetrando gradualmente mais e mais o centro do remoinho, e ficando sempre mais próximo e mais próximo de sua terrível borda interior. Durante todo esse tempo nunca deixei de segurar com firmeza a cavilha de ferro. Meu irmão estava na popa, agarrado a uma pequena barrica vazia que, com toda certeza, havia sido fortemente amarrada a um gradeado na curva de ré, e era a única coisa de bordo que não fora varrida para o mar quando, logo na primeira investida, a tempestade se abateu sobre nós. Ao chegarmos na proximidade da orla do abismo, ele se desprende da barrica e veio na direção da cavilha, da qual, na agonia de seu terror, tentou afastar as minhas mãos, como se o anel de ferro não fosse largo o suficiente para permitir que ambos nos agarrássemos com segurança. Nunca senti desgosto mais profundo do que quando o vi praticar tal ação – ainda que soubesse que ele estava louco quando fez aquilo – um louco delirante cheio de pavor. Não me preocupei, contudo, em disputar o lugar com ele. Fosse ele ou eu quem agarrava o anel de ferro, eu sabia não fazer nenhuma diferença; assim, deixei-o onde estava e fui para a popa agarrar-me ao barril. Não houve grande dificuldade nisso, pois a sumaca circulava de modo bastante regular e sobre uma quilha nivelada – apenas balançando para lá e para cá entre as imensas convulsões e efervescências do vórtice. Mal me firmara na nova posição, quando sentimos uma formidável guinada para boreste, e despenhamos a prumo no abismo. Murmurei uma prece rápida a Deus, e pensei que tudo havia acabado.

Enquanto sentia a nauseante vertigem da descida, instintivamente me agarrei com mais força ao barril, e fechei os olhos. Por alguns segundos não ousei abrí-los – enquanto esperava a destruição instantânea e conjecturava por que não estava já em luta mortal com as águas. Porém, decorreram instante após instante e eu continuava vivo. A sensação de queda cessara; e o movimento do barco mais se parecia como havia sido antes, quando circulávamos no cinturão de espumas, exceto que agora dava a impressão de navegar em linha reta. Enchi-me de coragem e olhei uma vez mais para o espetáculo.

Não vou esquecer nunca as sensações de medo, horror, e admiração pelo que pude olhar a minha volta. O barco parecia estar suspenso, como por mágica, a meio caminho para baixo, na superfície interior de um funil de enorme circunferência, prodigioso em profundidade, e cujos lados perfeitamente brunidos poderiam dar a ilusão de ébano, não fosse a estonteante rapidez de seu giro, e o vislumbre e pálida radiância que, como os raios da lua cheia, eram emitidos daquela fenda circular entre nuvens, da qual já falei, e que se

espraiavam num fluxo de áurea beleza ao longo das paredes negras, e iam desfalecer lá longe, embaixo, no desvão mais íntimo do abismo.

De início estava muito confuso para observar qualquer coisa com exatidão. Tudo o que eu podia ver era a geral explosão de terrificante esplendor. Quando me recuperei um pouco, no entanto, meu olhar dirigiu-se instintivamente para baixo. Nessa direção eu conseguia obter um raio de visão desimpedido da maneira como a sumaca assemelhava pendurar-se na superfície inclinada do poço. A quilha permanecia completamente nivelada – ou seja, o convés do barco se achava em plano paralelo com o plano da água – mas este último inclinava-se num ângulo maior que quarenta e cinco graus, de modo que parecíamos navegar pendendo sobre um dos bordos. Não pude deixar de observar, apesar disso, que não tinha maior dificuldade de agarrar ou ficar de pé nessa situação do que se tivesse num plano horizontal; e isso, suponho, se devia à velocidade com que circulávamos.

Os raios da lua pareciam buscar a base mesma do profundo abismo; mas eu nada podia ver distintamente, por causa de um denso nevoeiro que envolvia tudo, e sobre o qual pairava um magnífico arco-íris, como aquela estreita e vacilante ponte que os muçulmanos dizem ser a única senda entre o Tempo e a Eternidade. Esse nevoeiro, ou poeira de espuma, era sem dúvida ocasionado pela colisão estrepitosa das grandes paredes do funil, ao se encontrarem todas lá em baixo – mas não ousarei tentar descrever o estrondo que subia aos céus, vindo dali.

Nosso primeiro deslizamento para o abismo propriamente dito, vindos do cinturão de espuma acima, havia nos conduzido a uma grande distância para baixo na vertente; mas a descida ulterior não teve absolutamente a mesma proporção. Varrendo em círculos – com movimento não-uniforme – mas em estonteantes oscilações e sacudidelas, que às vezes nos enviavam somente a umas poucas centenas de jardas – e de outras vezes faziam-nos correr quase que o circuito completo do vórtice. A cada revolução, o avanço que fazíamos para baixo era vagaroso, mas bastante sensível.

Olhando em torno sobre o vasto deserto líquido de ébano na superfície do qual éramos transportados, percebi que a nossa embarcação não era o único objeto no abraço do vórtice. Tanto acima como abaixo de nós eram visíveis fragmentos de navios, volumosos blocos de traves e troncos de árvores, com muitos objetos bem menores, tais como peças de mobiliário, caixotes quebrados, barris e aduelas. Já descrevi a curiosidade não-natural que substituíra os meus primitivos terrores. Esta parecia aumentar à medida em que me aproximava mais e mais de meu horrível destino. Agora comecei a espiar, com um estranho interesse, as inumeráveis coisas que

flutuavam em nossa companhia. *Devia* estar delirando – pois encontrava mesmo motivo de *divertimento* especular sobre as velocidades relativas dessas coisas em suas várias descidas na direção da espuma lá embaixo. “Este abeto”, lembro ter dito a mim mesmo certa ocasião, “será com certeza a próxima coisa a dar o terrificante mergulho e desaparecer” – e ficava desapontado ao verificar que os destroços de um navio mercante holandês ultrapassava-o e afundavam antes. Por fim, após diversas estimativas dessa natureza, e ficando decepcionado em todas – esse fato – o fato dos invariáveis erros de cálculo – levou-me a um conjunto de reflexões que fizeram minhas pernas tremerem de novo e meu coração bater pesadamente uma vez mais.

Não era um novo terror que me afetava dessa forma, mas o despontar mais excitante de uma *esperança*. Tal esperança surgiu parcialmente da memória, e parcialmente da observação atual. Lembrei-me da grande variedade de coisas espalhadas pela costa de Lofoden, que tinham sido absorvidas e depois atiradas de volta pelo Moskoe-ström. Sem a menor dúvida, a maioria dos objetos havia sido despedaçada da maneira mais extraordinária – tão esfolados e encarquilhados eram eles que pareciam estar cheios de pontas e lascas – mas então, distintamente, recordei que havia *alguns* que não se mostravam em absoluto desfigurados. Ora, eu não podia explicar tal diferença, a não ser pela suposição de que os fragmentos esmagados eram os únicos que tinham sido *completamente absorvidos* – que os outros haviam entrado no vórtice num período mais tardio da maré, ou, por alguma razão, haviam descido tão lentamente depois de entrarem, que não alcançaram o fundo antes do regresso do fluxo, ou do refluxo, conforme o caso. Imaginei a possibilidade, nas duas situações, que eles de novo, em giros, tivessem sido arremessados para cima, à superfície do oceano, sem sofrer o destino daqueles que afundaram mais cedo, ou foram absorvidos com maior rapidez.

Fiz, também, três importantes observações. A primeira foi que, em regra geral, quanto maiores os corpos, mais rápida era a descida; a segunda, que entre duas massas de igual extensão, uma esférica, e a outra *de qualquer outra forma*, a superioridade na velocidade da descida ficava com a esférica; a terceira, que entre duas massas de igual tamanho, uma cilíndrica, e a outra de qualquer outra forma, a cilíndrica era absorvida mais lentamente. Desde que escapei, mantive várias conversas a respeito desse assunto com um velho mestre-escola do distrito; e foi com ele que aprendi o significado das palavras “cilindro” e “esfera”. Ele me explicou – embora eu tenha esquecido a explanação – como aquilo que eu observara era, de fato, consequência natural das formas dos fragmentos flutuantes – e mostrou-me porque acontecia que um



cilindro, flutuando num remoinho, oferecia maior resistência à sucção, e era arrastado com maior dificuldade do que um corpo igualmente volumoso, mas de outra forma qualquer. (\*)

Havia uma circunstância surpreendente que ofereceu grande reforço a essas observações, tornando-me ansioso para conhecer-lhe a razão, e era que, a cada revolução, passávamos por algo semelhante a um barril, ou mesmo uma verga ou o mastro de um navio, enquanto muitas outras coisas, que estavam no nosso nível quando abri pela primeira vez os olhos para ver os prodígios do vórtice, agora estavam acima de nós, e pareciam haver-se movido muito pouco da sua posição original.

Não hesitei por mais tempo sobre o que fazer. Decidi amarrar-me com firmeza ao barril de água sobre o qual eu me agarrava, cortar o cabo que o prendia à quilha, e atirar-me com ele no mar. Tentei atrair a atenção de meu irmão por sinais, aponte para o barril que vinha flutuando próximo de nós, e fiz o que estava em meu poder para que ele entendesse o que eu pretendia realizar. Imaginei finalmente que ele havia compreendido o meu plano – mas, se foi este o caso ou não, ele sacudiu a cabeça desesperadamente, e recusou mover-se da sua posição junto à cavilha de ferro. Era impossível alcançá-lo; a situação de emergência não admitia atraso; e assim, num esforço doloroso, resignei-me deixá-lo ao seu destino, amarrei-me ao barril com as cordas que o prendiam à quilha, e precipitei-me com ele para o mar, sem outro momento de hesitação.

O resultado foi precisamente o que eu esperava que fosse.. Como eu mesmo é quem agora conto essa história ao senhor – o senhor pode ver que de fato *escapei* – e como o senhor já tem conhecimento da maneira como tal fuga foi efetivada, e deve portanto saber por antecipação tudo o que direi em seguida – vou levar a narrativa rapidamente à conclusão. Transcorrerá aproximadamente uma hora, após haver abandonado a sumaca, quando esta, tendo descido uma grande distância abaixo de mim, deu três ou quatro violentos giros em rápida sucessão, e, carregando com ela meu querido irmão, afundou verticalmente, de uma só vez e para sempre, no caos de espuma lá em baixo. O barril ao qual eu estava amarrado afundara muito pouco, mais ou menos a metade da distância entre o fundo do vórtice e o ponto do qual saltei de bordo, antes de acontecer a grande mudança que se deu no caráter do turbilhão. A inclinação dos lados do imenso funil foi se tornando a cada momento menos íngreme. Os giros do remoinho eram gradualmente menos violentos. Aos poucos, a espuma e o arco-íris desapareceram, e o fundo do abismo parecia elevar-se lentamente. O céu estava claro, os ventos amainaram, e a lua cheia mostrava-se resplandecente a oeste, quando me encontrei na superfície do oceano, à plena vista das praias de Lofoden, e por cima

do lugar onde *estivera* o abismo do Moskoe-ström. Era a hora da calmaria – mas o mar se elevava com ondas gigantescas, ainda sob os efeitos deixados pelo furacão. Fui sendo carregado violentamente para o canal do Ström e, em poucos minutos, precipitado costa abaixo até os “pesqueiros” dos pescadores. Um bote me recolheu – esgotado de fadiga – e (agora que o perigo já passara) sem palavras ante a lembrança do horror vivido. Os que me puxaram para bordo eram velhos camaradas e companheiros diários – mas não me conheceram melhor do que conheceriam um viajante do mundo dos espíritos. O meu cabelo, que tinha sido negro como um corvo no dia anterior, estava tão branco como o senhor o vê agora. Disseram também que a expressão de meu rosto havia mudado. Contei-lhes minha história – não acreditaram nela. Conto-a agora *ao senhor* – e mal posso esperar que o senhor ponha nela um crédito maior que os pescadores folgazões de Lofoden.

(\*) Archimedes, *De incidentibus in fluido* (Nota de E.A. Poe)

(\*) Archimedes, *De Incidentibus in Fluido* (nota de E. A. Poe)

**ORIGINAL EM INGLÊS**

# **A DESCENT INTO THE MAELSTRÖM**

The ways of God in Nature, as in Providence, are not as our ways ; nor are the models that we frame any way commensurate to the vastness, profundity, and unsearchableness of His works, *which have a depth in them greater than the well of Democritus.*

-Joseph Glanville.

WE HAD NOW REACHED the summit of the loftiest crag. For some minutes the old man seemed too much exhausted to speak.

"Not long ago," said he at length, "and I could have guided you on this route as well as the youngest of my sons ; but, about three years past, there happened to me an event such as never happened to mortal man-or at least such as no man ever survived to tell of -and the six hours of deadly terror which I then endured have broken me up body and soul. You suppose me a very old man-but I am not. It took less than a single day to change these hairs from a jetty black to white, to weaken my limbs, and to unstring my nerves, so that I tremble at the least exertion, and am frightened at a shadow. Do you know I can scarcely look over this little cliff without getting giddy ?" The "little cliff," upon whose edge he had so carelessly thrown himself down to rest that the weightier portion of his body hung over it, while he was only kept from falling by the tenure of his elbow on its extreme and slippery edge-this "little cliff" arose, a sheer unobstructed precipice of black shining rock, some fifteen or sixteen hundred feet from the world of crags beneath us. Nothing would have tempted me to within half a dozen yards of its brink. In truth so deeply was I excited by

the perilous position of my companion, that I fell at full length upon the ground, clung to the shrubs around me, and dared not even glance upward at the sky-while I struggled in vain to divest myself of the idea that the very foundations of the mountain were in danger from the fury of the winds. It was long before I could reason myself into sufficient courage to sit up and look out into the distance.

"You must get over these fancies," said the guide, "for I have brought you here that you might have the best possible view of the scene of that event I mentioned-and to tell you the whole

story with the spot just under your eye."

"We are now," he continued, in that particularizing manner which distinguished him-"we are now close upon the Norwegian coast-in the sixty-eighth degree of latitude-in the great province of Nordland-and in the dreary district of Lofoden. The mountain upon whose top we sit is Helseggen, the Cloudy. Now raise yourself up a little higher-hold on to the grass if you feel giddy-so-and look out, beyond the belt of vapor beneath us, into the sea."

I looked dizzily, and beheld a wide expanse of ocean, whose waters wore so inky a hue as to bring at once to my mind the Nubian geographer's account of the *Mare Tenebrarum*. A panorama more deplorably desolate no human imagination can conceive. To the right and left, as far as the eye could reach, there lay outstretched, like ramparts of the world, lines of horridly black and beetling cliff, whose character of gloom was but the more forcibly illustrated by the surf which reared high up against its white and ghastly crest, howling and shrieking forever. Just opposite the promontory upon whose apex we were placed, and at a distance of some five or six miles out at sea, there was visible a small, bleak-looking island ; or, more properly, its position was discernible through the wilderness of surge in which it was enveloped. About two miles nearer the land, arose another of smaller size, hideously craggy and barren, and encompassed at various intervals by a cluster of dark rocks. The appearance of the ocean, in the space between the more distant island and the shore, had something very unusual about it. Although, at the time, so strong a gale was blowing landward that a brig in the remote offing lay to under a doublereefed trysail, and constantly plunged her whole hull out of sight, still there was here nothing like a regular swell, but only a short, quick, angry cross dashing of water in every direction- as well in the teeth of the wind as otherwise. Of foam there was little except in the immediate vicinity of the rocks.

"The island in the distance," resumed the old man, "is called by the Norwegians Vurrgh. The one midway is Moskoe. That a mile to the northward is Ambaaren. Yonder are Islesen,

Hotholm, Keildhelm, Suarven, and Buckholm. Farther off-between Moskoe and Vurrgh-are Otterholm, Flimen, Sandflesen, and Stockholm. These are the true names of the places-but why it has been thought necessary to name them at all, is more than either you or I can understand. Do you hear anything ? Do you see any change in the water ?"

We had now been about ten minutes upon the top of Helseggen, to which we had ascended from the interior of Lofoden, so that we had caught no glimpse of the sea until it had burst upon us from the summit. As the old man spoke, I became aware of a loud and gradually increasing sound, like the moaning of a vast herd of buffaloes upon an American prairie; and at the same moment I perceived that what seamen term the \_chopping\_ character of the ocean beneath us, was rapidly changing into a current which set to the eastward. Even while I gazed, this current acquired a monstrous velocity. Each moment added to its speed-to its headlong impetuosity. In five minutes the whole sea, as far as Vurrgh, was lashed into ungovernable fury ; but it was between Moskoe and the coast that the main uproar held its sway. Here the vast bed of the waters, seamed and scarred into a thousand conflicting channels, burst suddenly into phrensied convulsion-heaving, boiling, hissing-gyrating in gigantic and innumerable vortices, and all whirling and plunging on to the eastward with a rapidity which water never elsewhere assumes except in precipitous descents.

In a few minutes more, there came over the scene another radical alteration. The general surface grew somewhat more smooth, and the whirlpools, one by one, disappeared, while prodigious streaks of foam became apparent where none had been seen before. These streaks, at length, spreading out to a great distance, and entering into combination, took unto themselves the gyratory motion of the subsided vortices, and seemed to form the germ of another more vast. Suddenly-very suddenly -this assumed a distinct and definite existence, in a circle of more than a mile in diameter. The edge of the whirl was represented by a broad belt of gleaming spray ; but no particle of this slipped into the mouth of the terrific funnel, whose interior, as far as the eye could fathom it, was a smooth, shining, and jet-black wall of water, inclined to the horizon at an angle of some forty-five degrees, speeding dizzily round and round with a swaying and sweltering motion, and sending forth to the winds an appalling voice, half shriek, half roar, such as not even the mighty cataract of Niagara ever lifts up in its agony to Heaven.

The mountain trembled to its very base, and the rock rocked. I threw myself upon my face, and clung to the scant herbage in an excess of nervous agitation.

"This," said I at length, to the old man-"this can be nothing else than the great whirlpool of the Maelström."

"So it is sometimes termed," said he. "We Norwegians call it the Moskoe-ström, from the island of Moskoe in the midway." The ordinary accounts of this vortex had by no means prepared me for what I saw. That of Jonas Ramus, which is perhaps the most circumstantial of any, cannot impart the faintest conception either of the magnificence, or of the horror of the scene-or of the wild bewildering sense of \_the novel\_ which confounds the beholder. I am not sure from what point of view the writer in question surveyed it, nor at what time ; but it could neither have been from the summit of Helseggen, nor during a storm. There are some passages of his description, nevertheless, which may be quoted for their details, although their effect is exceedingly feeble in conveying an impression of the spectacle.

"Between Lofoden and Moskoe," he says, "the depth of the water is between thirty-six and forty fathoms ; but on the other side, toward Ver (Vurrgh) this depth decreases so as not to afford a convenient passage for a vessel, without the risk of splitting on the rocks, which happens even in the calmest weather. When it is flood, the stream runs up the country between Lofoden and Moskoe with a boisterous rapidity ; but the roar of its impetuous ebb to the sea is scarce equalled by the loudest and most dreadful cataracts ; the noise being heard several leagues off, and the vortices or pits are of such an extent and depth, that if a ship comes within its attraction, it is inevitably absorbed and carried down to the bottom, and there beat to pieces against the rocks ; and when the water relaxes, the fragments thereof are thrown up again. But these intervals of tranquility are only at the turn of the ebb and flood, and in calm weather, and last but a quarter of an hour, its violence gradually returning. When the stream is most boisterous, and its fury heightened by a storm, it is dangerous to come within a Norway mile of it. Boats, yachts, and ships have been carried away by not guarding against it before they were within its reach. It likewise happens frequently, that whales come too near the stream, and are overpowered by its violence; and then it is impossible to describe their howlings and bellowings in their fruitless struggles to disengage themselves. A bear once, attempting to swim from Lofoden to Moskoe, was caught by the stream and borne down, while he roared terribly, so as to be heard on shore. Large stocks of firs and pine trees, after being absorbed by the current, rise again broken and torn to such a degree as if bristles grew upon them. This plainly shows the bottom to consist of craggy rocks, among which they are whirled to and fro. This stream is regulated by the flux and reflux of the sea-it being constantly high and low water every six hours. In the year 1645, early in the morning of Sexagesima Sunday, it raged with such noise and impetuosity that the very

stones of the houses on the coast fell to the ground."

In regard to the depth of the water, I could not see how this could have been ascertained at all in the immediate vicinity of the vortex. The "forty fathoms" must have reference only to portions of the channel close upon the shore either of Moskoe or Lofoden. The depth in the centre of the Moskoe-ström must be immeasurably greater; and no better proof of this fact is necessary than can be obtained from even the sidelong glance into the abyss of the whirl which may be had from the highest crag of Helseggen. Looking down from this pinnacle upon the howling Phlegethon below, I could not help smiling at the simplicity with which the honest Jonas Ramus records, as a matter difficult of belief, the anecdotes of the whales and the bears; for it appeared to me, in fact, a self-evident thing, that the largest ship of the line in existence, coming within the influence of that deadly attraction, could resist it as little as a feather the hurricane, and must disappear bodily and at once.

The attempts to account for the phenomenon-some of which, I remember, seemed to me sufficiently plausible in perusal -now wore a very different and unsatisfactory aspect.

The idea generally received is that this, as well as three smaller vortices among the Ferroe islands, "have no other cause than the collision of waves rising and falling, at flux and reflux, against a ridge of rocks and shelves, which confines the water so that it precipitates itself like a cataract ; and thus the higher the flood rises, the deeper must the fall be, and the natural result of all is a whirlpool or vortex, the prodigious suction of which is sufficiently known by lesser experiments."-These are the words of the Encyclopædia Britannica. Kircher and others imagine that in the centre of the channel of the Maelström is an abyss penetrating the globe, and issuing in some very remote part-the Gulf of Bothnia being somewhat decidedly named in one instance. This opinion, idle in itself, was the one to which, as I gazed, my imagination most readily assented ; and, mentioning it to the guide, I was rather surprised to hear him say that, although it was the view almost universally entertained of the subject by the Norwegians, it nevertheless was not his own. As to the former notion he confessed his inability to comprehend

it ; and here I agreed with him-for, however conclusive on paper, it becomes altogether unintelligible, and even absurd, amid the thunder of the abyss.

"You have had a good look at the whirl now," said the old man, "and if you will creep round this crag, so as to get in its lee, and deaden the roar of the water, I will tell you a story that will convince you I ought to know something of the Moskoeström." I placed myself as desired, and he proceeded.

"Myself and my two brothers once owned a schooner-rigged

smack of about seventy tons burthen, with which we were in the habit of fishing among the islands beyond Moskoe, nearly to Vurrgh. In all violent eddies at sea there is good fishing, at proper opportunities, if one has only the courage to attempt it ; but among the whole of the Lofoden coastmen, we three were the only ones who made a regular business of going out to the islands, as I tell you. The usual grounds are a great way lower down to the southward. There fish can be got at all hours, without much risk, and therefore these places are preferred. The choice spots over here among the rocks, however, not only yield the finest variety, but in far greater abundance ; so that we often got in a single day, what the more timid of the craft could not scrape together in a week. In fact, we made it a matter of desperate speculation-the risk of life standing instead of labor, and courage answering for capital. "We kept the smack in a cove about five miles higher up the coast than this ; and it was our practice, in fine weather, to take advantage of the fifteen minutes' slack to push across the main channel of the Moskoe-ström, far above the pool, and then drop down upon anchorage somewhere near Otterholm, or Sandflesen, where the eddies are not so violent as elsewhere. Here we used to remain until nearly time for slackwater again, when we weighed and made for home. We never set out upon this expedition without a steady side wind for going and coming-one that we felt sure would not fail us before our return-and we seldom made a mis-calculation upon this point. Twice, during six years, we were forced to stay all night at anchor on account of a dead calm, which is a rare thing indeed just about here ; and once we had to remain on the grounds nearly a week, starving to death, owing to a gale which blew up shortly after our arrival, and made the channel too boisterous to be thought of. Upon this occasion we should have been driven out to sea in spite of everything, (for the whirlpools threw us round and round so violently, that, at length, we fouled our anchor and dragged it) if it had not been that we drifted into one of the innumerable cross currents -here to-day and gone to-morrow-which drove us under the lee of Flimen, where, by good luck, we brought up. "I could not tell you the twentieth part of the difficulties we encountered 'on the grounds'-it is a bad spot to be in, even in good weather-but we made shift always to run the gauntlet of the Moskoe-ström itself without accident ; although at times my heart has been in my mouth when we happened to be a minute or so behind or before the slack. The wind sometimes was not as strong as we thought it at starting, and then we made rather less way than we could wish, while the current rendered the smack unmanageable. My eldest brother had a son eighteen years old, and I had two stout boys of my own.



These would have been of great assistance at such times, in using the sweeps, as well as afterward in fishing-but, somehow, although we ran the risk ourselves, we had not the heart to let the young ones get into the danger-for, after all is said and done, it was a horrible danger, and that is the truth.

"It is now within a few days of three years since what I am going to tell you occurred. It was on the tenth day of July, 18-, a day which the people of this part of the world will never forget-for it was one in which blew the most terrible hurricane that ever came out of the heavens. And yet all the morning, and indeed until late in the afternoon, there was a gentle and steady breeze from the south-west, while the sun shone brightly, so that the oldest seaman among us could not have foreseen what was to follow.

"The three of us-my two brothers and myself-had crossed over to the islands about two o'clock P. M., and had soon nearly loaded the smack with fine fish, which, we all remarked, were more plenty that day than we had ever known them. It was just seven, \_by my watch\_, when we weighed and started for home, so as to make the worst of the Ström at slack water, which we knew would be at eight.

"We set out with a fresh wind on our starboard quarter, and for some time spanked along at a great rate, never dreaming of danger, for indeed we saw not the slightest reason to apprehend it. All at once we were taken aback by a breeze from over Helseggen. This was most unusual-something that had never happened to us before-and I began to feel a little uneasy, without exactly knowing why. We put the boat on the wind, but could make no headway at all for the eddies, and I was upon the point of proposing to return to the anchorage, when, looking astern, we saw the whole horizon covered with a singular copper-colored cloud that rose with the most amazing velocity.

"In the meantime the breeze that had headed us off fell away, and we were dead becalmed, drifting about in every direction. This state of things, however, did not last long enough to give us time to think about it. In less than a minute the storm was upon us-in less than two the sky was entirely overcast-and what with this and the driving spray, it became suddenly so dark that we could not see each other in the smack.

"Such a hurricane as then blew it is folly to attempt describing. The oldest seaman in Norway never experienced any thing like it. We had let our sails go by the run before it cleverly took us ; but, at the first puff, both our masts went by the board as if they had been sawed off-the mainmast taking with it my youngest brother, who had lashed himself to it for safety.

"Our boat was the lightest feather of a thing that ever sat upon water. It had a complete flush deck, with only a small hatch near

the bow, and this hatch it had always been our custom to batten down when about to cross the Ström, by way of precaution against the chopping seas. But for this circumstance we should have foundered at once-for we lay entirely buried for some moments. How my elder brother escaped destruction I cannot say, for I never had an opportunity of ascertaining. For my part, as soon as I had let the foresail run, I threw myself flat on deck, with my feet against the narrow gunwale of the bow, and with my hands grasping a ring-bolt near the foot of the fore-mast. It was mere instinct that prompted me to do this-which was undoubtedly

the very best thing I could have done-for I was too much flurried to think.

"For some moments we were completely deluged, as I say, and all this time I held my breath, and clung to the bolt. When I could stand it no longer I raised myself upon my knees, still keeping hold with my hands, and thus got my head clear. Presently our little boat gave herself a shake, just as a dog does in coming out of the water, and thus rid herself, in some measure, of the seas. I was now trying to get the better of the stupor that had come over me, and to collect my senses so as to see what was to be done, when I felt somebody grasp my arm. It was my elder brother, and my heart leaped for joy, for I had made sure that he was overboard-but the next moment all this joy was turned into horror-for he put his mouth close to my ear, and screamed out the word 'Moskoe-ström!'

"No one ever will know what my feelings were at that moment. I shook from head to foot as if I had had the most violent fit of the ague. I knew what he meant by that one word well enough-I knew what he wished to make me understand. With the wind that now drove us on, we were bound for the whirl of the Ström, and nothing could save us !

"You perceive that in crossing the Ström \_channel\_, we always went a long way up above the whirl, even in the calmest weather, and then had to wait and watch carefully for the slack-but now we were driving right upon the pool itself, and in such a hurricane as this !

'To be sure,' I thought, 'we shall get there just about the slack -there is some little hope in that'-but in the next moment I cursed myself for being so great a fool as to dream of hope at all. I knew very well that we were doomed, had we been ten times a ninety-gun ship.

"By this time the first fury of the tempest had spent itself, or perhaps we did not feel it so much, as we scudded before it, but at all events the seas, which at first had been kept down by the wind, and lay flat and frothing, now got up into absolute mountains. A singular change, too, had come over the heavens. Around in every direction it was still as black as pitch, but

nearly overhead there burst out, all at once, a circular rift of clear sky-as clear as I ever saw-and of a deep bright blue-and through it there blazed forth the full moon with a lustre that I never before knew her to wear. She lit up every thing about us with the greatest distinctness-but, oh God, what a scene it was to light up!

"I now made one or two attempts to speak to my brother-but, in some manner which I could not understand, the din had so increased that I could not make him hear a single word, although I screamed at the top of my voice in his ear. Presently he shook his head, looking as pale as death, and held up one of his finger, as if to say 'listen!'

"At first I could not make out what he meant-but soon a hideous thought flashed upon me. I dragged my watch from its fob. It was not going. I glanced at its face by the moonlight, and then burst into tears as I flung it far away into the ocean. It had run down at seven o'clock! We were behind the time of the slack, and the whirl of the Ström was in full fury!

"When a boat is well built, properly trimmed, and not deep laden, the waves in a strong gale, when she is going large, seem always to slip from beneath her-which appears very strange to a landsman-and this is what is called riding, in sea phrase. Well, so far we had ridden the swells very cleverly ; but presently a gigantic sea happened to take us right under the counter, and bore us with it as it rose-up-up-as if into the sky. I would not have believed that any wave could rise so high. And then down we came with a sweep, a slide, and a plunge, that made me feel sick and dizzy, as if I was falling from some lofty mountain-top in a dream. But while we were up I had thrown a quick glance around-and that one glance was all sufficient. I saw our exact position in an instant. The Moskoe-Ström whirlpool was about a quarter of a mile dead ahead-but no more like the every-day Moskoe-Ström, than the whirl as you now see it is like a mill-race. If I had not known where we were, and what we had to expect, I should not have recognised the place at all. As it was, I involuntarily closed my eyes in horror. The lids clenched themselves together as if in a spasm.

"It could not have been more than two minutes afterward until we suddenly felt the waves subside, and were enveloped in foam. The boat made a sharp half turn to larboard, and then shot off in its new direction like a thunderbolt. At the same moment the roaring noise of the water was completely drowned in a kind of shrill shriek-such a sound as you might imagine given out by the waste-pipes of many thousand steam-vessels, letting off their steam all together. We were now in the belt of surf that always surrounds the whirl ; and I thought, of course, that another moment would plunge us into the abyss-

down which we could only see indistinctly on account of the amazing velocity with which we wore borne along. The boat did not seem to sink into the water at all, but to skim like an air-bubble upon the surface of the surge. Her starboard side was next the whirl, and on the larboard arose the world of ocean we had left. It stood like a huge writhing wall between us and the horizon.

"It may appear strange, but now, when we were in the very jaws of the gulf, I felt more composed than when we were only approaching it. Having made up my mind to hope no more, I got rid of a great deal of that terror which unmanned me at first. I suppose it was despair that strung my nerves.

"It may look like boasting-but what I tell you is truth-I began to reflect how magnificent a thing it was to die in such a manner, and how foolish it was in me to think of so paltry a consideration as my own individual life, in view of so wonderful a manifestation of God's power. I do believe that I blushed with shame when this idea crossed my mind. After a little while I became possessed with the keenest curiosity about the whirl itself. I positively felt a wish to explore its depths, even at the sacrifice I was going to make ; and my principal grief was that I should never be able to tell my old companions on shore about the mysteries I should see. These, no doubt, were singular fancies to occupy a man's mind in such extremity-and I have often thought since, that the revolutions of the boat around the pool might have rendered me a little light-headed.

"There was another circumstance which tended to restore my self-possession ; and this was the cessation of the wind, which could not reach us in our present situation-for, as you saw yourself, the belt of surf is considerably lower than the general bed of the ocean, and this latter now towered above us, a high, black, mountainous ridge. If you have never been at sea in a heavy gale, you can form no idea of the confusion of mind occasioned by the wind and spray together. They blind, deafen, and strangle you, and take away all power of action or reflection. But we were now, in a great measure, rid of these annoyances-just us death-condemned felons in prison are allowed petty indulgences, forbidden them while their doom is yet uncertain.

"How often we made the circuit of the belt it is impossible to say. We careered round and round for perhaps an hour, flying rather than floating, getting gradually more and more into the middle of the surge, and then nearer and nearer to its horrible inner edge. All this time I had never let go of the ring-bolt. My brother was at the stern, holding on to a small empty water-cask which had been securely lashed under the coop of the counter, and was the only thing on deck that had not been swept overboard when the gale first took us. As we approached the

brink of the pit he let go his hold upon this, and made for the ring, from which, in the agony of his terror, he endeavored to force my hands, as it was not large enough to afford us both a secure grasp. I never felt deeper grief than when I saw him attempt this act-although I knew he was a madman when he did it-a raving maniac through sheer fright. I did not care, however, to contest the point with him. I knew it could make no difference whether either of us held on at all; so I let him have the bolt, and went astern to the cask. This there was no great difficulty in doing ; for the smack flew round steadily enough, and upon an even keel-only swaying to and fro, with the immense sweeps and swelters of the whirl. Scarcely had I secured myself in my new position, when we gave a wild lurch to starboard, and rushed headlong into the abyss. I muttered a hurried prayer to God, and thought all was over.

"As I felt the sickening sweep of the descent, I had instinctively tightened my hold upon the barrel, and closed my eyes.

For some seconds I dared not open them-while I expected instant destruction, and wondered that I was not already in my death-struggles with the water. But moment after moment elapsed. I still lived. The sense of falling had ceased ; and the motion of the vessel seemed much as it had been before, while in the belt of foam, with the exception that she now lay more along. I took courage, and looked once again upon the scene.

"Never shall I forget the sensations of awe, horror, and admiration with which I gazed about me. The boat appeared to be hanging, as if by magic, midway down, upon the interior surface of a funnel vast in circumference, prodigious in depth, and whose perfectly smooth sides might have been mistaken for ebony, but for the bewildering rapidity with which they spun around, and for the gleaming and ghastly radiance they shot forth, as the rays of the full moon, from that circular rift amid the clouds which I have already described, streamed in a flood of golden glory along the black walls, and far away down into the inmost recesses of the abyss.

"At first I was too much confused to observe anything accurately.

The general burst of terrific grandeur was all that I beheld.

When I recovered myself a little, however, my gaze fell instinctively downward. In this direction I was able to obtain an unobstructed view, from the manner in which the smack hung on the inclined surface of the pool. She was quite upon an even keel-that is to say, her deck lay in a plane parallel with that of the water-but this latter sloped at an angle of more than forty-five degrees, so that we seemed to be lying upon our beam-ends. I could not help observing, nevertheless, that I had scarcely more difficulty in maintaining my hold and footing in this situation, than if we had been upon a dead level ; and this, I suppose, was owing to the speed at which

we revolved.

"The rays of the moon seemed to search the very bottom of the profound gulf; but still I could make out nothing distinctly, on account of a thick mist in which everything there was enveloped, and over which there hung a magnificent rainbow, like that narrow and tottering bridge which Mussulmen say is the only pathway between Time and Eternity. This mist, or spray, was no doubt occasioned by the clashing of the great walls of the funnel, as they all met together at the bottom-but the yell that went up to the Heavens from out of that mist, I dare not attempt to describe.

"Our first slide into the abyss itself, from the belt of foam above, had carried us a great distance down the slope ; but our farther descent was by no means proportionate. Round and round we swept-not with any uniform movement-but in dizzying swings and jerks, that sent us sometimes only a few hundred yards-sometimes nearly the complete circuit of the whirl. Our progress downward, at each revolution, was slow, but very perceptible.

"Looking about me upon the wide waste of liquid ebony on which we were thus borne, I perceived that our boat was not the only object in the embrace of the whirl. Both above and below us were visible fragments of vessels, large masses of building timber and trunks of trees, with many smaller articles, such as pieces of house furniture, broken boxes, barrels and staves. I have already described the unnatural curiosity which had taken the place of my original terrors. It appeared to grow upon me as I drew nearer and nearer to my dreadful doom. I now began to watch, with a strange interest, the numerous things that floated in our company. I must have been delirious -for I even sought amusement in speculating upon the relative velocities of their several descents toward the foam below. 'This fir tree,' I found myself at one time saying, 'will certainly be the next thing that takes the awful plunge and disappears,'

-and then I was disappointed to find that the wreck of a Dutch merchant ship overtook it and went down before. At length, after making several guesses of this nature, and being deceived in all-this fact-the fact of my invariable miscalculation -set me upon a train of reflection that made my limbs again tremble, and my heart beat heavily once more.

"It was not a new terror that thus affected me, but the dawn of a more exciting hope. This hope arose partly from memory, and partly from present observation. I called to mind the great variety of buoyant matter that strewed the coast of Lofoden, having been absorbed and then thrown forth by the Moskoeström. By far the greater number of the articles were shattered in the most extraordinary way-so chafed and roughened as

to have the appearance of being stuck full of splinters-but then I distinctly recollected that there were some of them which were not disfigured at all. Now I could not account for this difference except by supposing that the roughened fragments were the only ones which had been completely absorbed-that the others had entered the whirl at so late a period of the tide, or, for some reason, had descended so slowly after entering, that they did not reach the bottom before the turn of the flood came, or of the ebb, as the case might be. I conceived it possible, in either instance, that they might thus be whirled up again to the level of the ocean, without undergoing the fate of those which had been drawn in more early, or absorbed more rapidly. I made, also, three important observations. The first was, that, as a general rule, the larger the bodies were, the more rapid their descent-the second, that, between two masses of equal extent, the one spherical, and the other of any other shape, the superiority in speed of descent was with the sphere-the third, that, between two masses of equal size, the one cylindrical, and the other of any other shape, the cylinder was absorbed the more slowly. Since my escape, I have had several conversations on this subject with an old school-master of the district ; and it was from him that I learned the use of the words 'cylinder' and 'sphere.' He explained to me-although I have forgotten the explanation-how what I observed was, in fact, the natural consequence of the forms of the floating fragments-and showed me how it happened that a cylinder, swimming in a vortex, offered more resistance to its suction, and was drawn in with greater difficulty than an equally bulky body, of any form whatever.\*

"There was one startling circumstance which went a great way in enforcing these observations, and rendering me anxious to turn them to account, and this was that, at every revolution, we passed something like a barrel, or else the yard or the mast of a vessel, while many of these things, which had been on our level when I first opened my eyes upon the wonders of the whirlpool, were now high up above us, and seemed to have moved but little from their original station.

"I no longer hesitated what to do. I resolved to lash myself securely to the water cask upon which I now held, to cut it loose from the counter, and to throw myself with it into the water. I attracted my brother's attention by signs, pointed to the floating barrels that came near us, and did everything in my power to make him understand what I was about to do. I thought at length that he comprehended my design-but, whether this was the case or not, he shook his head despairingly, and refused to move from his station by the ring-bolt. It was impossible to reach him; the emergency admitted of no delay; and so, with a bitter struggle, I resigned him to his fate,

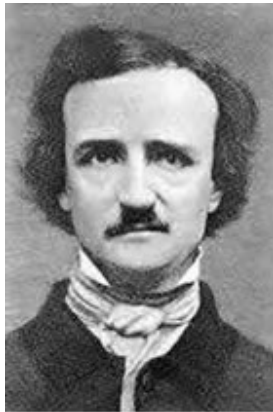
fastened myself to the cask by means of the lashings which secured it to the counter, and precipitated myself with it into the sea, without another moment's hesitation.

"The result was precisely what I had hoped it might be. As it is myself who now tell you this tale-as you see that I did escape -and as you are already in possession of the mode in which this escape was effected, and must therefore anticipate all that I have farther to say-I will bring my story quickly to conclusion. It might have been an hour, or thereabout, after my quitting the smack, when, having descended to a vast distance beneath me, it made three or four wild gyrations in rapid succession, and, bearing my loved brother with it, plunged headlong, at once and forever, into the chaos of foam below. The barrel to which I was attached sunk very little farther than half the distance between the bottom of the gulf and the spot at which I leaped overboard, before a great change took place in the character of the whirlpool. The slope of the sides of the vast funnel became momentarily less and less steep. The gyrations of the whirl grew, gradually, less and less violent. By degrees, the froth and the rainbow disappeared, and the bottom of the gulf seemed slowly to uprise. The sky was clear, the winds had gone down, and the full moon was setting radiantly in the west, when I found myself on the surface of the ocean, in full view of the shores of Lofoden, and above the spot where the pool of the Moskoe-ström had been. It was the hour of the slack-but the sea still heaved in mountainous waves from the effects of the hurricane. I was borne violently into the channel of the Ström, and in a few minutes was hurried down the coast into the 'grounds' of the fishermen. A boat picked me up-exhausted from fatigue-and (now that the danger was removed) speechless from the memory of its horror. Those who drew me on board were my old mates and daily companions -but they knew me no more than they would have known a traveller from the spirit-land. My hair which had been ravenblack the day before, was as white as you see it now. They say too that the whole expression of my countenance had changed. I told them my story-they did not believe it. I now tell it to you-and I can scarcely expect you to put more faith in it than did the merry fishermen of Lofoden."

\*See Archimedes, "De Incidentibus in Fluido."-lib. 2.



## Sobre o autor



### Edgar Allan Poe

Nasceu em Boston, em 19 de janeiro de 1809. Sua família paterna era de origem irlandesa, enraizada em Baltimore, onde conquistara postos entre as melhores famílias da região.

Edgar Allan Poe estudou na juventude na Inglaterra, no colégio Stoke-Newington, de Londres. Era um velho edifício sombrio e gótico. Mais tarde, de volta à Richmond, Poe continuaria seus estudos na Universidade de Charlotteville.

Desde cedo, Poe se mostrara um rapaz extremamente inteligente e genioso, motivo esse que o levaria a ser expulso da Universidade. Edgar era filho da paixão sem disciplina e do espírito largo da aventura, explica Baudelaire, seu mais fiel entusiasta.

Seguindo os passos romanescos de Byron, mais tarde Poe foi para a Grécia e alistou-se no exército lutando contra os turcos. Como todos os jovens da época, Poe sonhava com as glórias militares. Mas aventura acabou saindo muito caro. Perdido nos Bálcãs, sofrendo ônus terríveis no percurso, acaba chegando na Rússia sem documentos e sem dinheiro. Acaba sendo repatriado pelo cônsul americano, mas em seu retorno, descobre que sua mãe adotiva a quem deveria tudo, havia morrido.

Na volta aos Estados Unidos, alista-se num Batalhão de Artilharia e mais tarde matricula-se na Academia Militar de West Point. Era conhecido pelos colegas como aquele que "Embarcou para Grécia num baleeiro". É lógico que o ritmo de uma escola para Cadetes do Exército não seria compatível ao gênio de Edgar. Ele se concentrava muito mais em seus poemas do que nos estudos.

Com 22 anos, poeta de ofício, sujeito a devaneios, pobre e sem vontade inflexível, consola-se publicando: "Poemas". De regresso a Baltimore, em busca de seu irmão Willian, assiste à morte deste e entra nas

relações de uma tia, viúva com duas filhas, também pobre e sem arrimo seguro. Vivendo em miséria profunda, durante 2 anos Edgar consegue um pouco de triunfo ao vencer dois concursos de poesias. Com uma certa fama, o editor Thomaz White entrega para Poe a direção do "Southern Literary Messenger" em 1833. Pouco depois, escreveria seu primeiro conto: "Uma Aventura sem paralelo de um certo Hans Pfaal". Fica na direção da revista por 2 anos, depois de ter escrito outros vários contos, poemas e resenhas. Edgar Allan Poe já tinha uma certa reputação e um bom número de leitores.

Suas críticas tiveram grande repercussão e os jornais, abrindo-lhes as portas e as colunas de honra, decretando-lhe dias melhores. Com 27 anos, em 1836, ele casa-se com a prima de apenas 13 anos. Virgínia Clemn, eis a mulher ideal que o destino lhe destinara para lhe ser a única. A tia aceita o casamento desigual. Era sua esposa e musa. Virgínia gostava de música, canto e poesia; o que deixava Edgar muito entusiasmando. Em 1838 trabalha com Editor da Button's Gentleman Magazine. Na companhia da Sra. Clemn o casal vivera na Filadélfia, Nova York, Fordham, até que, de novo, a penúria lhe bate à porta. A vida de intimidade conjugal será prolongada pela dedicação da tia. Mas, as amarguras de Edgar Allan Poe não tinham limites. Virgínia, indo cantar na casa de amigos, sofrera um acidente causando-lhe uma forte hemorragia interna que a faz cair doente sem nunca mais voltar. Em 1847, morre deixado o marido no luto e na miséria espiritual.

Em 1849. Poe reage e publica o célebre poema "O Corvo" que o coloca novamente no alto da literatura americana. Edgar não abandona a tia. Esta constitui a lembrança viva de Virgínia. A Sra Helen Whitman, de Boston, dar-lhe-á estímulos e apoio. Enfermo, ele encontrara amigos e admiradores amigos e admiradores. Mas foi preciso lutar. O álcool reduzira-o de modo estranho. Seu "Romance Cosmogônico" "Eureka" acaba por lhe atribuir um renome literário enorme. Sua conduta provocava censuras acres da imprensa e da sociedade; mas o poeta cumpria as sentenças do destino...

A exemplos de outros, resolve fazer "leituras" de seus poemas e contos para um público de jornalistas e intelectuais antes de publicá-los. Seus trabalhos lhe renderam mais honras e prestígio. O trabalho fica cada vez mais cansativo e Poe se entrega mais e mais à bebida. Poe volta a Richmore por uma temporada, mas acaba deixando-a por Nova York na esperança de deixar seu passado lúgubre para trás. Chegando a

Baltimore, suas conseqüências o abateram. Antes de seguir para a Filadélfia resolve entrar numa Taverna à caça de estimulantes. Aí encontram velhos amigos demorando-se mais do que pretende, vencido, mal percebendo o andar do tempo. Na manhã seguinte, os transeuntes encontraram um homem agonizante, em abandono, na sarjeta. Pouco depois descobrem que aquele homem sem documentos e dinheiro era Edgar Allan Poe. Conduzido ao hospital, pouco resistiu, morrendo aos 39 anos apenas, deixando uma obra opulenta, escrita através de sacrifícios espantosos, de desordens implacáveis, de desconcertos incríveis.

Foi criador do gênero das histórias de terror. A base de toda a prosa de Edgar Allan Poe apoia-se no fantástico das exacerbações da natureza humana: alucinações, cuja lógica ultrapassa a da consciência habitual. São personagens com mentes inquietas e febris; neuróticos; o duplo de cada homem. Edgar Allan Poe é, na Literatura universal, um dos principais escritores malditos. Sua influência estendeu-se à poesia simbolista, à ficção científica, ao romance policial moderno e psicológico.

Certo dia, após uma bebedeira, é encontrado inconsciente numa rua. Levado para um hospital, vem a falecer em 1849.

A influência de Poe estendeu-se à poesia simbolista, à ficção científica, ao romance policial moderno e psicológico. Em 1848, "Contos do Grotesco e do Arabesco" foi publicado na França como "História Extraordinárias", por Baudelaire.



## Sobre o tradutor



João Paulo **SILVEIRA DE SOUZA** nasceu em Florianópolis, SC, em 1933. Começou cedo suas atividades culturais em SC. Na década de 50 passou a integrar o Círculo de Arte Moderna, mais conhecido como Grupo Sul, movimento que trouxe o Modernismo para Santa Catarina. Também nessa década participou de atividades teatrais, integrando como diretor do grupo teatral TESC (Teatro Experimental de SC); e dirigiu o mensário de literatura e arte *Roteiro*.

De 60 a 70, foi professor de matemática no Instituto Estadual de Educação e Escola Técnica Federal de SC, em Florianópolis. Dirigiu de 71 a 76, a Divisão de Informação e Divulgação do Departamento de Extensão Cultural da UFSC. Em 79, passou a trabalhar no setor de editoração da Fundação Catarinense de Cultura, onde coordenou as Edições FCC e dirigiu as publicações: *Boi-de-Mamão* (79 a 81); *Cadernos da Cultura Catarinense* (84-85) e *Escritores Catarinenses*, série de fascículos (90-91). Atualmente aposentado do serviço público, dedica-se a trabalhos de editoração eletrônica e projetos gráficos de livros. É membro da Academia Catarinense de Letras.

### **LIVROS PUBLICADOS**

- O VIGIA E A CIDADE (contos), Florianópolis, SC, 1960;
- UMA VOZ NA PRAÇA (contos), Florianópolis, 1962;
- QUATRO ALAMEDAS, Porto Alegre, RS, 1976;
- OS PEQUENOS DESENCONTROS (crônicas), Florianópolis, 1977;
- O CAVALO EM CHAMAS (contos), São Paulo, SP, 1981;
- CANÁRIO DE ASSOBIOS (crônicas), Florianópolis, 1985;
- HYBRIS (poesia e prosa), Florianópolis, 1989;
- UM ÔNIBUS E QUATRO DESTINOS (romance, em parceria com Francisco José Pereira e Holdemar Menezes), Porto Alegre, 1994;
- RUMOR DE FOLHAS (poemas), Florianópolis, 1966;
- RELATOS ESCOLHIDOS (contos), Florianópolis, 1998;
- TROLÓLO PARA FLAUTA E CAVAQUINHO (crônicas), em parceria com Flávio José Cardozo, Florianópolis, 1999.

